"O MITO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO", DE CELSO FURTADO, E A CRÍTICA CONTEMPORÂNEA AO CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO[1]

"THE MYTH OF ECONOMIC DEVELOPMENT," BY CELSO FURTADO, AND THE CONTEMPORARY CRITIQUE OF THE CONCEPT OF DEVELOPMENT

RENATA BIANCONI
Universidade Estadual de Campinas
bianconi@unicamp.br

Resumo: O artigo revisita a abordagem de Celso Furtado do subdesenvolvimento e suas críticas à ideia de desenvolvimento econômico como um processo de reprodução dos padrões de consumo dos países centrais pelos periféricos. A partir das discussões consolidadas em *O Mito do Desenvolvimento Econômico* (1974), suas reflexões dirigem-se a uma profunda crítica dos rumos da civilização industrial e à necessidade de um novo conceito de desenvolvimento que integre as dimensões cultural e ecológica. Ao colocar a obra de Furtado em diálogo com a perspectiva do pós-desenvolvimento, o artigo salienta a atualidade de seu pensamento e sua relevância para reflexões sobre o desenvolvimento contemporâneo.

Palavras-chave: Celso Furtado; subdesenvolvimento; desenvolvimento econômico; pós-desenvolvimento.

Abstract: *The article revisits Celso Furtado's approach to underdevelopment and his critiques of economic development as a process of reproduction of the consumption patterns of central countries by peripheral ones. Starting with the discussions consolidated in O Mito do Desenvolvimento Econômico [The Myth of Economic Development] (1974), his reflections are oriented toward a profound critique of the paths of industrial civilization and the need for a new concept of development that integrates cultural and ecological dimensions. By placing Furtado's work in dialogue with the post-development perspective, the article highlights the enduring relevance of his thought and its importance for contemporary reflections on development.*

Keywords: *Celso Furtado; underdevelopment; economic development; post-development.*

[1] Agradeço os comentários e valiosas sugestões dos avaliadores anônimos de *Ariadna Histórica*.

1.- Introdução

Em trabalho considerado sua primeira publicação no campo da teoria econômica[2], o economista brasileiro Celso Furtado (1920-2004) apresenta o problema do desenvolvimento econômico como "um aspecto do problema geral de mudança social em nossa sociedade", cuja compreensão depende da restituição de seu "conteúdo histórico"[3]. Se nesse período formativo da teoria do desenvolvimento econômico Furtado entendia que seu objeto era a explicação do processo de expansão da produtividade do trabalho, já alertava, seguindo as reflexões em curso na Cepal, para a "duplicidade fundamental da ciência econômica —seu caráter abstrato e histórico"[4]. Afirmava, assim, a insuficiência da construção de modelos abstratos sem a devida confrontação de suas variáveis à realidade histórica. A necessidade de um enfoque mais amplo, que extrapolasse as categorias da análise econômica, do fenômeno do desenvolvimento decorreria de sua apreensão como um amplo processo de mudança cultural[5]. Para o autor, na medida em que cada economia enfrenta problemas específicos, relativos, por exemplo, a recursos naturais, fluxos migratórios e ordem institucional, além do grau relativo de desenvolvimento das economias a ela contemporâneas, cada experiência de desenvolvimento é singular. Se o problema do desenvolvimento econômico deve ser compreendido dentro de um contexto histórico, a teoria do desenvolvimento deveria atentar para a diversidade de processos de desenvolvimento, não se restringindo a tentativas de aproximação entre os problemas das atuais economias subdesenvolvidas e os problemas enfrentados pelas economias desenvolvidas em seus estágios iniciais de desenvolvimento.

A evidenciação da distância separando países ricos e pobres, por meio de dados estatísticos que permitiam comparações entre os níveis de renda per capita dos diferentes países, projetaria, no pós-Segunda Guerra Mundial, ao primeiro plano o objetivo do desenvolvimento econômico, a ser obtido, conforme grande parte da literatura produzida

---

[2] SZMRECSÁNYI, Tamás: "Celso Furtado", em *Estudos Avançados*, vol. 15, n° 43, 2001. Para uma visão do conjunto da trajetória intelectual e da obra de Celso Furtado, ver: MALLORQUÍN, Carlos: *Celso Furtado: um retrato intelectual*, São Paulo, Xamã, 2005; BARBOSA, Alexandre de Freitas e SAES, Alexandre Macchione: *Celso Furtado: trajetória, pensamento e método*, Belo Horizonte, Autêntica, 2025.

[3] FURTADO, Celso: "Formação de capital e desenvolvimento econômico", em *Revista Brasileira de Economia*, vol. 6, n° 3, 1952, p. 13.

[4] FURTADO, Celso: *A economia brasileira*, Rio de Janeiro, A Noite, 1954, p. 211.

[5] FURTADO, Celso: *A economia brasileira*; FURTADO, Celso: *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*, Rio de Janeiro, Fondo de Cultura, 1961.

até os anos 1960, essencialmente por meio do crescimento do produto e da renda per capita nos países menos desenvolvidos. Tendia-se, assim, a equiparar desenvolvimento e crescimento econômico, servindo-se os economistas, para a análise do desenvolvimento econômico, do mesmo instrumental empregado para a análise do crescimento econômico nos países avançados[6]. Ademais, como salienta Ignacy Sachs, no pós-Segunda Guerra Mundial, a apreensão dos problemas do subdesenvolvimento esteve marcada pela ideia de que o crescimento das forças produtivas desencadearia "um processo completo de desenvolvimento que se estenderia mais ou menos espontaneamente a todos os domínios da atividade humana"[7]. Tal ideia estaria refletida nos programas de ajuda ao desenvolvimento propostos no contexto da Guerra Fria, orientados pela ideia de que o Ocidente teria sido o pioneiro num caminho de desenvolvimento comum a todas as sociedades.

A abordagem de Furtado dos problemas do subdesenvolvimento contrapõe-se a interpretações lineares do processo histórico de desenvolvimento dos diferentes países, sustentando a necessidade de compreensão do subdesenvolvimento como fenômeno histórico específico, resultante de relações de dominação e dependência em nível internacional. Tratava-se, portanto, nos primeiros trabalhos de Celso Furtado, realizados no âmbito da Cepal, de afirmar a especificidade do subdesenvolvimento e a necessidade de uma abordagem histórico-teórica do processo de desenvolvimento econômico[8].

As possibilidades da industrialização como estratégia de superação do subdesenvolvimento na América Latina —que emergia dos trabalhos desenvolvidos no âmbito da Cepal— seriam contestadas a partir dos anos 1960, num contexto de crescente presença de firmas multinacionais nos processos de industrialização e percepção do aprofundamento das desigualdades na distribuição de renda. A reiteração do subdesenvolvimento, conforme avançava o processo de industrialização, exigia novas

---

[6] ARNDT, Heinz W.: *Economic Development: the History of an Idea*, The University of Chicago Press, Chicago/London, 1987.

[7] SACHS, Ignacy: "La logique du développement", em *Revue Internationale des Sciences Sociales*, vol. 24, n° 1, 1972, p. 38.

[8] No âmbito da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), a partir do trabalho de economistas e outros cientistas sociais latino-americanos influenciados pelo trabalho pioneiro de Raúl Prebisch (1949), desenvolveu-se um enfoque inovador dos problemas latino-americanos baseado no conhecimento teórico e empírico da realidade da região. Ver: RODRÍGUEZ, Octavio: *La teoría del subdesarrollo de la CEPAL*, México, Siglo XXI, 1980; RODRÍGUEZ, Octavio: *El estructuralismo latinoamericano*, México, Siglo XXI/CEPAL, 2006; PREBISCH, Raúl: "El desarrollo económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas", em *El Trimestre Económico*, vol.16, n° 63(3), 1949.

reflexões que contemplassem as transformações em curso na economia internacional sob comando das empresas multinacionais, o aprofundamento da dependência tecnológica e cultural e o caráter excludente do desenvolvimento periférico.

Nesse sentido, *O mito do desenvolvimento econômico*, publicado em 1974, pode ser entendido como um primeiro esforço de consolidação de ideias de Furtado chamando ao alargamento do horizonte de reflexões dos economistas na abordagem dos problemas do desenvolvimento. Considerando a demonstração empírica de que a universalização de formas de desenvolvimento similares às observadas nos países mais avançados economicamente seria ecologicamente irrealizável[9], e observando que a busca desses modos de vida pelos países periféricos reiterava as características do subdesenvolvimento e legitimava a aceitação de diversas formas de dependência, Furtado avançaria a ideia de que o desenvolvimento econômico apresentava-se como um simples *mito*[10]. O autor se engajaria então em novos caminhos de reflexão sobre os impasses do subdesenvolvimento e sobre os próprios rumos da civilização industrial, na qual a criatividade humana teria sido progressivamente submetida à racionalidade instrumental[11]. Em seus trabalhos publicados a partir da década de 1970, em que ganham relevo as dimensões cultural e ecológica do desenvolvimento, Furtado denuncia os problemas decorrentes da transplantação de valores culturais desenvolvidos em outras realidades sociais e busca uma *nova concepção de desenvolvimento*[12].

Se Celso Furtado, ao observar as insuficiências do crescimento econômico e do processo de industrialização para a superação do subdesenvolvimento, chama a uma profunda crítica da civilização industrial e da ideia de desenvolvimento, outros autores questionam a própria pertinência do conceito de desenvolvimento. Apontam as reiteradas promessas e fracassos das políticas de desenvolvimento e seus aspectos

[9] MEADOWS, Donella. H. *et al.*: *The Limits to Growth*, New York, Universe Books, 1972.
[10] Vale lembrar que o economista ecológico Clóvis Cavalcanti foi um dos primeiros autores a destacar a importância na obra de Celso Furtado da dimensão ambiental do desenvolvimento, chamando a atenção para o pioneirismo das questões levantadas em *O mito do desenvolvimento econômico*. Ver, entre outros: CAVALCANTI, Clóvis: "Meio ambiente, Celso Furtado e o desenvolvimento como falácia", em *Ambiente & Sociedade*, vol. 5, nº 2, 2003.
[11] FURTADO, Celso: *Criatividade e dependência na civilização industrial*, Ed. definitiva, São Paulo, Companhia das Letras, 2008 [a 1ª ed. do livro foi publicada em 1978].
[12] Para um aprofundamento das questões culturais e ecológicas na obra de Celso Furtado, ver: BOLAÑO, César R. S.: *O conceito de cultura em Celso Furtado*, Salvador, EDUFBA, 2015; SAES, Alexandre Macchione: "Celso Furtado: An Ecological Economist?", em *Ecological Economics*, vol. 230, april 2025.

destrutivos do ponto de vista cultural e ecológico, defendendo, por sua vez, uma era de *pós-desenvolvimento*. Tal perspectiva está consubstanciada em publicações como *The Development Dictionary* e *The Post-Development Reader*, encontrando expressão tanto na crítica radical ao imperativo do crescimento, presente nas discussões, sobretudo europeias, sobre o *decrescimento*, quanto na reação ao revigoramento da exploração exacerbada de recursos naturais na América Latina no início do século XXI, presente nas formulações do *pós-extrativismo*[13].

Diante desse panorama, este artigo revisita as reflexões de Celso Furtado sobre o subdesenvolvimento, com especial atenção a sua obra de maturidade intelectual, particularmente a partir de *O mito do desenvolvimento econômico*, e procura estabelecer um diálogo entre sua perspectiva e as formulações contemporâneas do pós-desenvolvimento. Trata-se de investigar em que medida as críticas de Furtado a uma visão economicista do mundo e aos rumos da civilização industrial convergem com essas abordagens e, em contrapartida, de que modo se delimitam suas divergências quanto à própria pertinência da noção de desenvolvimento.

Parte-se da constatação de que, embora Furtado não tenha tomado parte em diálogos diretos com a perspectiva do pós-desenvolvimento, suas reflexões evoluem paralelamente na busca de respostas aos dilemas da sociedade contemporânea. Sem a intenção de atribuir pioneirismo ou um caráter antecipatório a suas formulações, afirma-se a pertinência de buscar em seus escritos —sobretudo em sua obra produzida a partir dos anos 1970— subsídios para refletir sobre problemas intensificados na atualidade, como a crise ecológica, as desigualdades sociais e as assimetrias internacionais. Contudo, para além da identificação de pontos de aproximação entre visões críticas, o artigo busca destacar as diferentes concepções de *desenvolvimento* que caracterizam essas abordagens. Nesse sentido, se há convergências quanto aos processos de destruição cultural e ecológica decorrentes da transplantação de padrões de consumo ocidentais, delineia-se uma distinção fundamental: enquanto a perspectiva do pós-desenvolvimento redunda na recusa da própria ideia de desenvolvimento, na obra de Furtado a categoria permanece

[13] SACHS, Wolfgang: *The Development Dictionary: a Guide to Knowledge as Power*, 2nd ed., London/New York, Zed Books, 2010 [1ª ed., 1992]; RAHNEMA, Majid e BAWTREE, Victoria, orgs.: *The Post-Development Reader*, London, Zed Books, 1997; ACOSTA, Alberto e BRAND, Ulrich: *Pós-extrativismo e decrescimento. Saídas para o labirinto capitalista*, São Paulo, Elefante, 2018.

como elemento essencial que, distinto da mera expansão da produção e do consumo ou da reprodução mimética de formas de viver, refere-se à satisfação das necessidades e aspirações da coletividade e à plena realização das potencialidades humanas.

Para tanto, na próxima seção retomaremos a abordagem de Celso Furtado do subdesenvolvimento e sua elaboração acerca do mito do desenvolvimento econômico. Em seguida, discutiremos a manutenção da relevância da noção de desenvolvimento em seu pensamento, à luz dos desdobramentos de sua obra a partir de meados dos anos 1970, confrontando-a com as proposições do decrescimento e do pós-extrativismo. Nas considerações finais, procuraremos salientar a atualidade da obra de Celso Furtado e a pertinência do estabelecimento de diálogos entre ela e o pensamento crítico contemporâneo.

2.- A teoria do subdesenvolvimento de Celso Furtado e o mito do desenvolvimento econômico

Celso Furtado entende desenvolvimento e subdesenvolvimento como dois fenômenos contemporâneos, de forma que o subdesenvolvimento não é uma etapa anterior em um processo histórico comum a ser percorrido por todos os países rumo ao pleno desenvolvimento ou à constituição de sociedades modernas[14]. Trata-se de uma formação histórica específica, conformada no processo de difusão desigual do progresso técnico em escala mundial a partir da revolução industrial. Furtado recusa, portanto, abordagens "etapistas" do desenvolvimento, como a proposta por W. W. Rostow, e adota uma perspectiva histórica centrada nas assimetrias entre países centrais e periféricos[15]. Seguindo a abordagem das relações centro-periferia proposta por R. Prebisch e desenvolvida no âmbito da Cepal, o comércio internacional não seria capaz de promover a distribuição dos frutos do progresso técnico produzido nos países centrais ao conjunto das economias nele envolvidas[16]. Concentrando-se os benefícios do comércio internacional nos países centrais, afastava-se a possibilidade de transição automática para estágios superiores de desenvolvimento e, portanto, de superação do

[14] FURTADO, Celso: *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*. Esse livro, publicado em 1961, reúne textos elaborados por Furtado ao longo da década de 1950.
[15] ROSTOW, Walt W.: *The Stages of Economic Growth: a Non-Communist Manifesto*, Cambridge, Cambridge University Press, 1960.
[16] PREBISCH, Raúl: "El desarrollo económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas".

subdesenvolvimento, donde decorreria, na abordagem da Cepal, o imperativo da industrialização. No entanto, nas economias subdesenvolvidas caracterizadas por excedente de mão de obra e escassez de capital, a tecnologia absorvida "quase totalmente por empréstimo", em geral poupadora de mão de obra, dificultava a incorporação de maior contingente de trabalhadores em atividades de mais elevada produtividade[17]. Nesse sentido, produzida conforme as necessidades de outras realidades históricas, a tecnologia absorvida no processo de industrialização periférico contribuía para a manutenção de uma das principais características do subdesenvolvimento, o excedente estrutural de mão de obra.

O início de um processo de acumulação nessas economias podia ser obstado pelos baixos níveis de produtividade e capacidade interna de geração de excedentes, tendendo a capacidade produtiva a ser, em grande parte, empregada para a satisfação de necessidades básicas da população[18]. A expansão do comércio internacional oferecia, então, para economias primário-exportadoras, a oportunidade de realocar recursos da agricultura de subsistência para a agricultura de exportação, viabilizando o desencadeamento de um processo de crescimento da produtividade e da renda sem prévia acumulação de capital. Assim, sem significativas modificações nos processos produtivos, essas economias tinham acesso aos novos padrões de consumo criados a partir da revolução industrial. Nos termos em que Furtado sintetizaria a questão anos mais tarde, a constituição de um núcleo industrial na Europa foi o ponto de partida de um processo de unificação em escala mundial da civilização (em seus aspectos materiais), que significou a difusão dos padrões de consumo originados nos países industriais sem, no entanto, promover a universalização da nova tecnologia industrial ou a penetração generalizada das novas técnicas nos sistemas produtivos[19].

O padrão de demanda de bens finais, inicialmente importados, que se conforma nas economias periféricas, marcadas por concentração da propriedade da terra e excedente estrutural de mão de obra, corresponderia à alta concentração de renda observada e, portanto, a uma importante presença de bens sofisticados. Assim, o processo

[17] FURTADO, Celso: *Dialética do desenvolvimento*, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1964, p. 33.
[18] FURTADO, Celso: "Formação de capital e desenvolvimento econômico".
[19] FURTADO, Celso: "Underdevelopment: to Conform or Reform", em Gerald M. Meier, ed., *Pioneers in Development: Second Series*, New York, Oxford University Press for the World Bank, 1987; FURTADO, Celso: *O capitalismo global*, São Paulo, Paz e Terra, 1998.

de industrialização, ao se iniciar nessas economias, depara-se com um mercado interno que fora previamente atendido por produtos importados provenientes de economias industrialmente mais avançadas e com mais elevados níveis de capitalização. Furtado identifica, então, um processo de "modernização" nas economias latino-americanas que precede o processo de industrialização: nelas, a assimilação do progresso técnico ocorreu inicialmente nas formas de consumo, antes de penetrar nas formas de produção (durante a industrialização)[20].

A análise da especificidade do processo de industrialização nos países periféricos e, particularmente, nos latino-americanos, constituiu, então, um dos elementos fundamentais da teoria do subdesenvolvimento proposta por Celso Furtado[21]. Impulsionada inicialmente pela redução da capacidade de importação, a industrialização por substituição de importações começou pelas indústrias leves e evoluiu, nas décadas seguintes, para setores mais complexos, o que exigiu o acesso a tecnologias mais avançadas criadas e controladas pelos países centrais. Se a colaboração de grupos internacionais viabilizou altas taxas de crescimento de setores manufatureiros em diversos países latino-americanos no pós-guerra, essa forma de difusão do progresso tecnológico por meio da implantação de empresas estrangeiras instaurou novas formas de dependência, desvelando os limites da industrialização como política de desenvolvimento. Ao analisar o "modelo" brasileiro de desenvolvimento, Furtado afirmaria o descrédito na tese que predominara no pós-guerra segundo a qual a industrialização seria capaz de promover a homogeneização tecnológica e a eliminação do subdesenvolvimento[22]. O controle sobre a tecnologia —sobre o tipo de produto a ser produzido e sobre o processo produtivo a ser empregado— mantinha-se como um problema maior, posto que se encontrava fora dos países subdesenvolvidos em processo de industrialização.

Diante do declínio das taxas de crescimento de países como Argentina, Brasil e Chile nos anos 1960, intensificou-se, segundo Furtado, "o debate sobre o significado real do desenvolvimento econômico" em curso na região: "Tendeu a generalizar-se a

[20] FURTADO, Celso: *Análise do 'modelo' brasileiro*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972; FURTADO, Celso: *O mito do desenvolvimento econômico*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974.
[21] FURTADO, Celso: *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*; FURTADO, Celso: Teoria e política do desenvolvimento econômico, 10ª ed. rev., São Paulo, Paz e Terra, 2000 [1ª ed., 1967].
[22] FURTADO, Celso: *Análise do "modelo" brasileiro*.

consciência do alto custo social desse desenvolvimento, da inviabilidade de difusão de seus frutos entre amplas camadas da população e da crescente dependência externa no que respeita à operação do sistema produtivo e à orientação desse desenvolvimento"[23]. A experiência histórica latino-americana, expôs, portanto, os limites da modernização das estruturas econômicas no âmbito da dependência externa[24]. O rápido crescimento observado no Brasil em anos subsequentes corroboraria tal percepção, expondo "a ambiguidade do conceito de desenvolvimento, entendido como reprodução de padrões culturais transplantados de sociedades muito mais ricas"[25].

Ao constatar que modelos de desenvolvimento voltados à promoção do crescimento econômico a todo custo reiteravam o subdesenvolvimento, Furtado orientaria sua argumentação para a necessidade de outras vias de desenvolvimento, pautadas por um amplo projeto social. Especialmente em trabalhos de fins dos anos 1960 e dos anos 1970, Furtado enfatizaria a exaustão da estratégia de desenvolvimento baseada na substituição de importações e o problema do controle crescente de firmas estrangeiras sobre a orientação do processo de desenvolvimento[26]. A ação das empresas multinacionais promovia intensificação da capitalização, não contribuindo para a absorção do excedente de mão de obra e para a elevação da produtividade no conjunto da economia, o que redundava em aumento da concentração de renda. Portanto, conforme avançava o processo de industrialização, as principais características do subdesenvolvimento persistiam, frustrando as expectativas desenvolvimentistas dos anos 1950.

2.1.- Desvelando os mitos do desenvolvimento econômico

Celso Furtado, que fora um dos "pregadores da fé no Desenvolvimento", reconheceria que a ideia de desenvolvimento econômico admitiu, por muito tempo, a possibilidade de difusão aos pobres das condições de vida dos grupos privilegiados[27]. Nos

[23] FURTADO, Celso: *A economia latino-americana*, 4ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 2007 [1ª ed., 1969], p. 457.
[24] A respeito, veja-se: FURTADO, Celso: *A hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973.
[25] FURTADO, Celso: *A economia latino-americana*, p. 457.
[26] FURTADO, Celso: *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966; FURTADO, Celso: *Um projeto para o Brasil*, Saga, Rio de Janeiro, 1968; FURTADO, Celso: *Análise do "modelo" brasileiro*; FURTADO, Celso: *O mito do desenvolvimento econômico*.
[27] FURTADO, Celso: *Obra autobiográfica*, org. Rosa Freire d'Aguiar, São Paulo, Companhia das Letras, 2014, p. 407; FURTADO, Celso: "O mito do desenvolvimento", em *Opinião*, 29 jul. 1974.

anos 1970, no entanto, tal "profecia" estava desacreditada diante da constatação da concentração dos frutos dos ganhos de produtividade nas mãos de poucos. Não se confirmavam, portanto, as promessas iniciais contidas na ideia de desenvolvimento econômico, uma vez que, desde a constituição do grupo de países altamente desenvolvidos, observava-se persistente distanciamento entre eles e os países subdesenvolvidos.

A questão das desigualdades nas relações econômicas internacionais apresentava-se como um aspecto fundamental nas reflexões de Furtado sobre os problemas do desenvolvimento. Nesse sentido, tomaria parte, já no início dos anos 1970, nas emergentes discussões sobre os limites ecológicos ao crescimento, incorporando novos elementos a sua explicação do fenômeno específico e historicamente condicionado do subdesenvolvimento. Reagindo, logo após sua publicação, ao relatório *The Limits to Growth*, Furtado destacaria seu interesse para os países pobres e dependentes, na medida em que expunha o comportamento da economia mundial em seu conjunto, para além dos estudos até então realizados, sobre economias nacionais ou regionais[28].

Furtado salientaria que os estudos feitos sobre as tendências da economia dos Estados Unidos, no que concerne a sua demanda futura de recursos naturais, constatavam sua crescente dependência de recursos naturais obtidos no exterior, mas caracterizavam-se pela "hipótese implícita de que o mundo fora dos Estados Unidos é ilimitado"[29]. O uso pelos Estados Unidos dos recursos naturais do Terceiro Mundo – e as consequências sobre esses países – não era o tema de *The Limits to Growth*, precisa Furtado, mas a tendência ao colapso do sistema advinda da pressão sobre os recursos naturais e do grau de poluição, caso o crescimento econômico continuasse a ser o objetivo de todo os países. Furtado destaca a importância de se ter, graças a recursos computacionais, pela primeira vez, podido "fechar o sistema em escala planetária", abandonando-se a hipótese de um mundo exterior ilimitado.

Nessa primeira reação a *The Limits to Growth*, intitulada "Quem cresce e quem paga", reiterada em texto apresentado durante sua permanência como professor visitante em Cambridge, em 1973-1974, e desenvolvida em seu livro *O mito do desenvolvimento*

[28] MEADOWS, Donella. H. *et al.*: *The Limits to Growth*.
[29] FURTADO, Celso: "Quem cresce e quem paga", em *Opinião*, 4-11 dez. 1972, p. 10.

econômico (1974), Furtado questiona o uso a ser feito das conclusões do relatório[30]. Chama a atenção inicialmente para o irrealismo dessas conclusões: as projeções elaboradas não traduziriam tendências, pois teriam partido de uma situação irreal, de um "falso problema", desconhecendo "a natureza do processo de crescimento econômico em curso na maioria dos países do Terceiro Mundo". Furtado sustenta que, considerando-se as estruturas sociais dos países pobres, "[a] correta formulação do problema seria a seguinte: para que o atual sistema industrial sob controle das empresas multinacionais não entre em colapso em duas ou três gerações é necessário que o crescimento econômico continue a beneficiar apenas uma pequena minoria da população do Terceiro Mundo, isto é, que se mantenham as tendências atuais". E as tendências então observadas, segundo ele, seriam de agravamento das desigualdades entre países ricos e pobres e de distanciamento entre as condições de vida das minorias privilegiadas destes últimos e as massas da população.

Já nesse breve texto de 1972, partindo da constatação derivada de *The Limits to Growth*, da impossibilidade de generalização do estilo de vida dos países ricos, Furtado avança a ideia de que o "desenvolvimento econômico, tal qual vem sendo praticado na maioria dos países do Terceiro Mundo, isto é, como um esforço para parecer-se aos países que lideraram a revolução industrial, é um simples mito". E o autor prossegue: "continuemos a falar de desenvolvimento, mas não tenhamos a pretensão de fazer dele algo mais do que um mito". Não identificando razões para a interrupção da busca de padrões mais altos de consumo por parte dos países ricos e das minorias privilegiadas dos países pobres, alerta para a possibilidade de deslocamento para os países subdesenvolvidos do processo de destruição dos recursos naturais. Isso manteria a intensidade e a irreversibilidade do processo, representando, para as massas dos países subdesenvolvidos, a redução das "possibilidades de encontrar um outro caminho, em que os homens possam conviver entre si e com o meio físico de forma menos destruidora". Furtado chama então a "uma crítica global do processo de industrialização que

[30] Professor da Universidade de Paris I, Furtado passa o ano acadêmico 1973-1974 na Universidade de Cambridge (Centro de Estudos Latino-Americanos, Cátedra Simón Bolívar), onde apresenta, em 8 de março de 1974, uma primeira versão do texto que seria desenvolvido e publicado como primeiro capítulo de *O mito do desenvolvimento econômico*. A versão apresentada no seminário foi republicada em 2020 em *Review of Political Economy*. Veja-se: FURTADO, Celso: "The Myth of Economic Development and the Future of the Third World", em *Review of Political Economy*, vol. 33, n° 1, 2020; LOUREIRO, Pedro, RUGITSKY, Fernando; SAAD-FILHO, Alfredo: "Celso Furtado and the Myth of Economic Development: Rethinking Development From Exile", em *Review of Political Economy*, vol. 33, n° 1, 2020. As citações que seguem nesse parágrafo são de: FURTADO, Celso: "Quem cresce e quem paga".

atualmente se realiza em escala planetária principalmente sob o controle das empresas multinacionais", e conclui afirmando: "Para os povos do Terceiro Mundo, o problema é de risco de supressão das chances que lhes restam de escapar da miséria. E não exatamente a aproximação do dia do Juízo Final"[31].

Aprofundando suas reflexões iniciadas quando da publicação de *The Limits to Growth*, Furtado explora outras implicações dessa apresentação inédita de projeções sobre a demanda de recursos não renováveis em um sistema global fechado. Chama a atenção para um problema sistematicamente ignorado: o caráter predatório do processo civilizacional gerado pela Revolução Industrial. Em suas palavras: "A evidência à qual não podemos escapar é que em nossa civilização a criação de *valor* econômico provoca, na grande maioria dos casos, processos irreversíveis de degradação do mundo físico"[32]. Apoiando-se no trabalho de Nicholas Georgescu-Roegen, Furtado questiona a capacidade do progresso técnico para resolver os problemas criados pelos processos econômicos no mundo físico[33]. Vale lembrar que Georgescu-Roegen denuncia a crença na possibilidade de uma atividade industrial livre de poluição como sendo um "mito enganoso", semelhante à crença em uma durabilidade perpétua; chama a atenção ainda para os custos em termos energéticos de processos de eliminação da poluição, reciclagem, etc.[34]. Para ele, tanto os economistas ortodoxos quanto os marxistas sustentariam a tese de que o poder da tecnologia é sem limites, no sentido de que poderiam ser encontrados substitutos para recursos tornados escassos, bem como aumentada a produtividade de todo tipo de matéria e energia. Por outro lado, na medida em que sugeriam a possibilidade de dissociação entre crescimento e desenvolvimento —admitindo-se, portanto, a existência de desenvolvimento sem crescimento—, os defensores do meio ambiente não poderiam ser considerados adversários do desenvolvimento. Ainda segundo Georgescu-Roegen, os economistas sofreriam de "mania de crescimento", sendo a capacidade de

[31] Todas as citações acima neste parágrafo são de FURTADO, Celso: "Quem cresce e quem paga", p. 10.
[32] FURTADO, Celso: *O mito do desenvolvimento econômico*, p. 19.
[33] GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas: *The Entropy Law and the Economic Process*, Cambridge, Harvard University Press, 1971. No texto de 1972, contestando de antemão eventuais críticas às projeções de esgotamento dos recursos não renováveis no sentido de sua falta de consideração do progresso técnico, Furtado afirmava (referindo-se ao conceito de entropia): "O progresso técnico continuará a sua marcha e poderá mesmo intensificar o seu ritmo. O que ele não pode é evitar que a ação produtiva de valor tenha um efeito desorganizador sobre o mundo físico". FURTADO, Celso: "Quem cresce e quem paga", p. 10.
[34] GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas: *La décroissance: entropie, écologie, économie*, 3ª ed., Paris, Sang de la Terre, 2006, p. 109.

promoção de elevada taxa de crescimento econômico o principal elemento na avaliação dos planos por eles elaborados[35]. Tal ponto de vista guarda semelhanças com as críticas dirigidas por Furtado aos processos de crescimento na América Latina e, especialmente, ao período do "milagre" econômico brasileiro em curso no momento em que elabora a ideia de "mito do desenvolvimento econômico"[36].

Como destacado, Furtado afirma que a importância de *The Limits to Growth* reside em ter colocado em discussão questões largamente ignoradas pelos economistas do desenvolvimento. Segundo ele, a evidência empírica da existência de limites ecológicos à universalização do desenvolvimento econômico como praticado nos países altamente industrializados comprovava que o modo de vida difundido pela civilização ocidental não estaria disponível às grandes massas do Terceiro Mundo; tratava-se, portanto, de uma "civilização elitista"[37]. Importantes consequências para a abordagem do desenvolvimento econômico derivavam da percepção de que a generalização desse estilo de vida levaria ao colapso do sistema como um todo, na medida em que grande parte da literatura sobre o assunto produzida no pós-guerra baseava-se nessa ideia. Segundo Furtado, delimitando seu campo de visão da realidade por tal "mito",

> os economistas passaram a dedicar o melhor de sua imaginação a conceber complexos esquemas do processo de acumulação de capital no qual o impulso dinâmico é dado pelo progresso tecnológico, enteléquia existente fora de qualquer contexto social. Pouca ou nenhuma atenção foi dada às consequências, no plano cultural, de um crescimento exponencial do *stock* de capital. [...] Menos atenção ainda se havia dado ao impacto no meio físico de um sistema de decisões cujos objetivos últimos são satisfazer interesses privados[38].

Nesse sentido, o mérito do relatório preparado para o Clube de Roma residia em ter explicitado as implicações da pressão sobre os recursos naturais não renováveis e a crescente poluição ambiental. Furtado, entretanto, não compartilhava das premissas do estudo em questão e, consequentemente, de suas conclusões. A "profecia de colapso" contida no estudo seria falaciosa, dado que o modelo elaborado projetava tendências de

---

[35] GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas: *La décroissance*, p. 122.

[36] Para a análise de Furtado desse período de rápido crescimento da economia brasileira (1968-1973), sob a ditadura militar, ver: FURTADO, Celso: *Análise do "modelo" brasileiro*; FURTADO, Celso: *O mito do desenvolvimento econômico*, cap. 3.

[37] Cf. intervenção de Celso Furtado em colóquio (Paraíba-Brasil, 1991) sobre sua obra, publicada em: GAUDÊNCIO, Francisco e FORMIGA, Marcos, coords.: *Era da esperança: teoria e política no pensamento de Celso Furtado*, São Paulo, Paz e Terra, 1995, p. 77.

[38] FURTADO, Celso: *O mito do desenvolvimento econômico*, p. 16-17.

longo prazo para o processo de industrialização em escala planetária baseando-se no comportamento histórico das economias que lideraram tal processo. Furtado chama a atenção para o fato de que o desenvolvimento das economias industrializadas realizara-se tendo por ideia implícita que a fronteira externa do sistema era ilimitada, visto que tais economias controlavam fontes de recursos não reprodutíveis localizadas no exterior. Assim, as atuais economias industrializadas puderam dispor, em seu processo de desenvolvimento, de grande parte dos recursos naturais das economias subdesenvolvidas. Dessa forma, o modelo teria partido de uma "observação inadequada da realidade, portanto inservível para projetar qualquer tendência desta última"[39].

Ademais, aceitar o postulado de que o desenvolvimento econômico do resto do mundo seguiria os padrões de consumo dos Estados Unidos seria, nos termos de Furtado, confundir "economia subdesenvolvida e 'país jovem'", ou seja, ignorar a especificidade do subdesenvolvimento e conceber o "desenvolvimento como uma sequência de fases necessárias, à la Rostow"[40]. Furtado, por sua vez, enfatiza as diferenças qualitativas entre o capitalismo central e o periférico. Neste último, marcado pelo "mimetismo cultural", o dinamismo econômico se apoiaria na concentração da renda, necessária para a reprodução das formas de viver dos países centrais por parcelas da população[41]. Se as minorias privilegiadas dos países periféricos procuravam seguir os padrões de consumo dos países cêntricos, o que condicionava a orientação da industrialização periférica, a observação das tendências evolutivas do sistema não permitiria, contudo, afirmar que o modelo norte-americano de consumo seria seguido pela totalidade dos países em seu processo de desenvolvimento.

Como visto, o quadro evolutivo do sistema capitalista percebido por Furtado apontava para o aumento do fosso que separava países cêntricos e periféricos (e dentro destes, as massas e uma minoria privilegiada). Para ele, portanto, conclusões catastróficas baseadas no postulado da homogeneidade da estrutura da economia capitalista mundial não seriam realistas. As projeções a respeito do esgotamento dos recursos não renováveis ofereciam, não obstante, uma comprovação de que a exclusão da grande maioria da população mundial era uma característica inerente ao sistema. Tal conclusão evidenciaria

[39] FURTADO, Celso: *O mito do desenvolvimento econômico*, p. 22.
[40] FURTADO, Celso: *O mito do desenvolvimento econômico*, p. 22.
[41] FURTADO, Celso: *O mito do desenvolvimento econômico*, p. 45.

o caráter de mito contemporâneo do desenvolvimento econômico, responsável por novas formas de dependência na periferia[42]:

> Sabemos agora de forma irrefutável que as economias da periferia nunca serão *desenvolvidas*, no sentido de similares às economias que formam o atual centro do sistema capitalista. Mas, como negar que essa ideia tem sido de grande utilidade para mobilizar os povos da periferia e levá-los a aceitar enormes sacrifícios, para legitimar a destruição de formas de cultura *arcaicas*, para *explicar* e fazer *compreender* a *necessidade* de destruir o meio físico, para justificar formas de dependência que reforçam o caráter predatório do sistema produtivo? Cabe, portanto, afirmar que a ideia de desenvolvimento econômico é um simples mito. Graças a ela tem sido possível desviar as atenções da tarefa básica de identificação das necessidades fundamentais da coletividade e das possibilidades que abre ao homem o avanço da ciência, para concentrá-las em objetivos abstratos como são os *investimentos*, as *exportações* e o *crescimento*[43].

Como Furtado discute em *O mito do desenvolvimento econômico*, a rápida diversificação do consumo é uma tendência do capitalismo industrial, com incitação permanente ao consumo, pelos grupos de altas rendas, de novos produtos ou novos modelos de produtos já existentes. A difusão de padrões de consumo baseados em rápida obsolescência para o conjunto da economia está na origem do considerável desperdício de recursos que caracteriza o capitalismo industrial[44]. Nos países periféricos, o quadro se agrava na medida em que os modelos de consumo ditados por minorias privilegiadas condicionadas pelo exterior orientam a alocação dos recursos, configurando um sistema inapto a promover a elevação do nível de vida das grandes massas. Em contraposição a essa lógica, Furtado acentuava o interesse de uma reorientação do progresso técnico no sentido da simplificação do consumo e da longevidade dos produtos. Tratar-se-ia, portanto, de uma verdadeira reorientação do desenvolvimento no sentido da redução das desigualdades sociais e da satisfação das necessidades do conjunto da população, o que implicaria a redução dos níveis de consumo das minorias privilegiadas. Nesse sentido, Furtado postula a necessidade de uma crítica global do processo de industrialização - já presente em sua primeira abordagem do desenvolvimento como um mito[45]. Desta forma,

[42] A elaboração de Furtado a respeito das relações entre subdesenvolvimento e dependência está desenvolvida em "Subdesenvolvimento e dependência: as conexões fundamentais", texto originalmente apresentado em 1973, em seminário na Universidade de Cambridge, e publicado como segundo capítulo de: FURTADO, Celso: *O mito do desenvolvimento econômico*.

[43] FURTADO, Celso: *O mito do desenvolvimento econômico*, p. 75, grifos do original.

[44] FURTADO, Celso: *O mito do desenvolvimento econômico*.

[45] FURTADO, Celso: "Quem cresce e quem paga".

transformações sociais significativas nos países subdesenvolvidos dificilmente ocorreriam "sem modificação da visão global do desenvolvimento econômico"[46].

O questionamento do significado atribuído ao desenvolvimento seria doravante parte integrante de suas reflexões. Como exporia na autobiografia, referindo-se a discussões sobre uma nova ordem econômica internacional em meados dos anos 1970:

> Tem sentido falar de desenvolvimento no quadro de uma mera reprodução e difusão dos padrões de consumo importados dos países ricos do Ocidente? [...] *Que temos em mente quando falamos de desenvolvimento*? Não podemos desconhecer que a substância mesma, os valores implícitos do desenvolvimento não podem ser definidos de fora para dentro, impostos a uma sociedade. Caso contrário, cairemos na subordinação cultural que é a matriz de todas as formas de dependência[47].

A *dependência cultural* é enfatizada, desde então, como um aspecto fundamental da explicação de Furtado sobre os processos de conformação e perpetuação do subdesenvolvimento. Nos países subdesenvolvidos, o excedente social é apropriado por grupos dominantes portadores de uma visão do desenvolvimento como um processo mimético de padrões culturais importados[48]. A dependência, que se manifesta inicialmente na adoção de padrões de consumo importados (viabilizada por excedente adicional gerado pelo comércio internacional), torna-se também *tecnológica* durante o processo de industrialização, quando o país busca produzir localmente os produtos consumidos por setores modernizados da população. Esse processo de difusão de técnicas criadas em outros contextos históricos implicaria, ademais, difusão concomitante de estilos de vida dissociados do sistema de valores preexistente na sociedade receptora.

Ao discutir os mitos contidos na ideia corrente de desenvolvimento econômico, Furtado coloca em questão seu entendimento como mero processo de acumulação nas forças produtivas ou de aumento da produtividade do trabalho, evidenciando que os processos de industrialização na periferia do sistema capitalista constituíram elementos

[46] FURTADO, Celso: "The Myth of Economic Development and the Future of the Third World", p. 10.
[47] FURTADO, Celso: *Obra autobiográfica*, p. 564-566, grifos nossos.
[48] Entendido como os recursos que não são necessários à sobrevivência imediata de uma sociedade e que a ela abrem um horizonte de opções. Para uma discussão sobre a noção de excedente na obra de Furtado, veja-se: BIANCONI, Renata e COUTINHO, Mauricio C.: "O desenvolvimento como processo de mudança cultural: as conexões entre excedente e estruturas sociais na visão de Celso Furtado", em *Nova Economia*, vol. 29, n° especial, 2019.

de aprofundamento da dependência cultural. Suas obras, doravante, conclamam a um profundo reexame do próprio conceito de desenvolvimento, com atenção ao papel desempenhado pela criatividade na civilização industrial e às relações entre o processo de acumulação, os valores culturais e a preservação ecológica. Portanto, como discutiremos a seguir, Furtado não abandona o conceito, mas requalifica-o como problemática global e interdisciplinar, resultando na afirmação do desenvolvimento como a satisfação das necessidades e a renovação das aspirações humanas[49].

3.- "Desenvolvimento": um conceito ainda relevante?

Na obra de maturidade de Celso Furtado, o reexame da noção de desenvolvimento parte da constatação de que, após décadas de discussões sobre o desenvolvimento, a temática central desse estudo permanecia "praticamente intocada", a saber: "a criatividade cultural e a morfogênese social"[50]. A teoria do desenvolvimento se teria circunscrito à lógica dos meios, ligada à racionalidade instrumental e à técnica, "tendendo a confundir-se com a explicação do sistema produtivo que emergiu com a civilização industrial"[51].

A essência do desenvolvimento, propõe Furtado em *Criatividade e dependência na civilização industrial*, residiria na capacidade criativa de uma sociedade[52]. Na cultura que emergiu da revolução burguesa, contudo, a criatividade humana teria sido progressivamente posta a serviço da técnica, subordinando-se todas as formas de atividade criativa à racionalidade instrumental. Conforme a criatividade foi sendo subordinada ao processo de acumulação, os *meios* tenderam a ser vistos como *fins*, e produziu-se "a ilusão de que todo avanço da 'racionalidade', na esfera econômica, contribui para a liberação ou 'desalienação' do homem"[53]. Assim, a ideia de progresso,

---

[49] FURTADO, Celso: *Introdução ao desenvolvimento*. Vale notar a proximidade entre as reflexões de Celso Furtado a partir dos anos 1970, quando enfatiza a dimensão cultural do desenvolvimento e relaciona o processo de desenvolvimento à satisfação e renovação das aspirações de uma sociedade, e as reflexões de autores como Arjun Appadurai que, dialogando com a obra de Amartya Sen, enfatiza a "capacidade de aspirar" como sendo uma capacidade cultural fundamental para o processo de desenvolvimento. APPADURAI, Arjun: "The Capacity to Aspire: Culture and the Terms of Recognition", em V. Rao e M. Walton, eds., *Culture and Public Action*, Stanford, Stanford University Press, 2004.

[50] FURTADO, Celso: *Introdução ao desenvolvimento*, p. 7.

[51] FURTADO, Celso: *Introdução ao desenvolvimento*, p. 8.

[52] FURTADO, Celso: *Criatividade e dependência na civilização industrial*.

[53] FURTADO, Celso: *Criatividade e dependência na civilização industrial*, p. 116.

ligando-se à de acumulação, e englobando a possibilidade de ascensão a seus frutos para todos os grupos sociais, constituiu a ideologia viabilizadora de um pacto social entre grupos e classes com interesses antagônicos. Posteriormente, derivada da ideia de progresso, a ideia de desenvolvimento teria servido "para afiançar a consciência de solidariedade internacional no processo de difusão da civilização industrial no quadro da dependência"[54]. Dependência cujas raízes encontram-se na inserção no sistema de divisão internacional do trabalho, segundo a doutrina que pregava a especialização internacional como a via "mais 'racional' de eliminar o atraso na diversificação do consumo, de avançar para a linha de frente das nações *civilizadas*"[55]. Tratar-se-ia, portanto, de uma concepção economicista de desenvolvimento, ligada ao transplante da civilização industrial - de um estilo material de vida -, para outras sociedades, ignorando-se as aspirações dos diferentes grupos que as compõem.

Furtado mostra, ao analisar o processo de emergência e difusão da civilização industrial, que a ideia de desenvolvimento comporta ambiguidades, sendo um "processo cultural e histórico cuja dinâmica se apoia na inovação técnica (fundada na experiência empírica ou em conhecimentos científicos), posta a serviço de um sistema de dominação social"[56]. Ao se compreender o desenvolvimento como a elevação no nível de vida (entendida como aumento e diversificação do consumo), deve-se ter em vista, segundo o autor, que "essa evolução do consumo é um subproduto do processo de reprodução das desigualdades sociais e exclui outras formas de elevação do nível de vida, concebíveis em função de outros projetos de transformação social". A percepção desse problema nos países avançados, continua Furtado, estaria na origem de movimentos políticos em defesa do meio ambiente e do patrimônio cultural e de rejeição ao consumismo, que "pretendem explicitar um conjunto de *fins*, a partir de uma visão global da sociedade"[57]. Ademais, salienta que as ambiguidades da ideia de desenvolvimento são ainda maiores "quando a consideramos no quadro da difusão da civilização industrial", na medida em que, "[em] muitas regiões a *modernização* também significou *ocidentalização*, ou seja, o deperecimento

[54] FURTADO, Celso: *Criatividade e dependência na civilização industrial*, p. 105.
[55] FURTADO, Celso: *Criatividade e dependência na civilização industrial*, p. 105, grifos do origina.
[56] FURTADO, Celso: *Criatividade e dependência na civilização industrial*, p. 83.
[57] FURTADO, Celso: *Criatividade e dependência na civilização industrial*, p. 85, grifos do origina.

de sistemas de cultura cujos valores nem sempre encontravam adequados substitutivos"[58].

Seguindo uma ideia mobilizadora de *desenvolvimento*, transfigurada em "uma competição para parecer-se com as nações que lideraram o processo acumulativo", os países periféricos empenhar-se-iam em incorporar a civilização industrial por meio de aceleração do processo de acumulação[59]. Contudo, as sociedades dependentes que procuravam reproduzir os valores materiais dos países desenvolvidos haviam anteriormente empreendido uma "via indireta" de acesso à civilização industrial: graças ao crescimento da renda proporcionado por sua inserção na divisão internacional do trabalho como exportadoras de produtos primários, sociedades em que as técnicas produtivas em que se assenta a civilização industrial não haviam penetrado estiveram aptas a incorporar, via importação, "padrões de comportamento surgidos da civilização industrial"[60]. Assim, os países subdesenvolvidos, sujeitos a um *mimetismo cultural*, passaram a absorver, sob a forma de novos bens de consumo, o fluxo de inovações criado nos países centrais. Como vimos, a presença crescente de empresas multinacionais na industrialização subsequente viabilizou a continuidade da modernização dos padrões de consumo, aprofundando a dependência tecnológica e cultural e exacerbando a concentração de renda e as desigualdades sociais características do subdesenvolvimento.

Furtado salienta que a evolução da civilização industrial nos países que lideraram o processo de industrialização e sua difusão no quadro da dependência são processos diferentes. Desse modo, empregar indistintamente o conceito de *desenvolvimento* para diferentes contextos históricos envolveria "ambiguidades que somente um espesso véu ideológico consegue ocultar"[61].

Tendo denunciado os mitos envolvidos na ideia de desenvolvimento, e sendo sua permanente preocupação as possibilidades de superação do subdesenvolvimento, Furtado chamaria a uma profunda crítica da racionalidade da civilização industrial centrada em objetivos como o aumento da eficiência do trabalho e a diversificação de

[58] FURTADO, Celso: *Criatividade e dependência na civilização industrial*, p. 86, grifos do original.
[59] FURTADO, Celso: *Criatividade e dependência na civilização industrial*, p. 106.
[60] FURTADO, Celso: *Criatividade e dependência na civilização industrial*, p. 70.
[61] FURTADO, Celso: *Criatividade e dependência na civilização industrial*, p. 98.

padrões de consumo[62]. Para ele, os *fins* da humanidade deveriam pautar as discussões sobre o desenvolvimento, passando ao primeiro plano suas dimensões cultural e ecológica. Trata-se de temas que norteiam igualmente a crítica radical da ideia de desenvolvimento - que redunda em sua rejeição - presente em perspectivas como o *decrescimento* e o *pós-extrativismo*, surgidas em diferentes contextos históricos, mas esposando preocupações comuns, que entendemos também estarem presentes na abordagem de Celso Furtado.

3.1.- Em busca de um diálogo entre Celso Furtado e o Pós-Desenvolvimento

Para muitos autores, o conceito de desenvolvimento seria uma invenção do Ocidente que encobre aspectos políticos, na medida em que engloba perspectivas diversas, referindo-se tanto ao crescimento econômico e a uma visão economicista do mundo quanto à conquista de maior autonomia por povos desprovidos de poder. O modelo de civilização dos países ocidentais, o desenvolvimento e a modernidade, teriam se tornado uma aspiração mundial, defendida pelos países do Sul[63]. No entanto, tendo o modelo euro-atlântico de riqueza emergido em condições excepcionais, não poderia ser generalizado ao conjunto dos países: trata-se, portanto, de um modelo que "requer exclusão social por sua própria estrutura"[64].

Para os autores partidários do pós-desenvolvimento, a ideia de desenvolvimento seria dificilmente separável de uma ideia de ocidentalização do mundo, buscando-se a elevação do nível de vida dos países pobres por meio do crescimento econômico para se atingir algum estágio de "maturidade". Em simetria com as conclusões de Furtado em *O mito do desenvolvimento econômico*, a percepção dos limites ecológicos ao crescimento econômico teria colocado em xeque uma visão do desenvolvimento envolvendo a possibilidade de "catching up" por parte dos países pobres. Ademais, após décadas de fracasso das políticas de desenvolvimento, o fim da Guerra Fria parecia ter encerrado as condições históricas (concorrência entre potências ideologicamente adversárias) que haviam sustentado a difusão da ideia de desenvolvimento, a partir da emergência do subdesenvolvimento na cena internacional com o discurso do presidente H. Truman, em

[62] FURTADO, Celso: *Criatividade e dependência na civilização industrial*; FURTADO, Celso: *Cultura e desenvolvimento em época de crise*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
[63] SACHS, Wolfgang: *The Development Dictionary*.
[64] SACHS, Wolfgang: *The Development Dictionary*, p. xi.

1949[65]. As tentativas de qualificar o conceito de desenvolvimento, que então surgiriam (como a ideia de desenvolvimento "sustentável"), seriam também criticadas: a defesa do meio ambiente e a continuidade do desenvolvimento seriam duas ideias inconciliáveis, na medida em que o desenvolvimento efetivamente se manifesta na forma de transformação e destruição do meio natural e das relações sociais, com o objetivo de aumentar a produção de mercadorias[66]. O conceito só se sustentaria, portanto, como uma "crença ocidental", uma verdade aceita por todos, que era necessário desmistificar[67].

A perspectiva do pós-desenvolvimento não estabelece um diálogo direto com as análises de Celso Furtado dos problemas do "desenvolvimento" na América Latina, observados sobretudo a partir da década de 1960, tampouco com a abordagem mais ampla dos impasses da própria civilização industrial presente em sua obra produzida a partir dos anos 1970. Se, entre essas abordagens que evoluem paralelamente na busca de respostas aos dilemas da sociedade contemporânea, encontramos muitos pontos de convergência, elas se distanciam irreconciliavelmente na manutenção do *desenvolvimento* como categoria essencial da análise. Como destacado anteriormente, Furtado denuncia o caráter economicista predominante na abordagem do desenvolvimento, reelaborando e requalificando o conceito ao longo de sua obra em busca do "verdadeiro desenvolvimento"[68].

Nas análises de Furtado da civilização industrial contemporânea, é crescente a ênfase atribuída ao caráter global dos problemas a serem enfrentados e à interdependência dos povos, elementos que consideramos aproximá-lo da problemática presente nos debates sobre o pós-desenvolvimento. Nesse sentido, buscaremos a seguir estabelecer aproximações entre a abordagem de Furtado e duas vertentes críticas "relacionadas a uma mesma realidade global", na qual a exploração de recursos nos países do Sul, periféricos, relaciona-se aos padrões de consumo e acumulação criados e

[65] Veja-se, a respeito: ESTEVA, Gustavo: "Development", em Wolfgang Sachs, ed., *The Development Dictionary: a Guide to Knowledge as Power*, 2nd ed., London/New York, Zed Books, 2010 [1ª ed., 1992]; RIST, Gilbert: *History of Development: From Western Origins to Global Faith*, 4th ed., London, Zed Books, 2014.
[66] RIST, Gilbert: "Development as a Buzzword", em *Development in Practice*, vol. 17, nº 4-5, 2007.
[67] RIST, Gilbert: *History of development*.
[68] FURTADO, Celso: "O verdadeiro desenvolvimento", em D'Aguiar, Rosa Freire, org.: *Essencial Celso Furtado*, São Paulo, Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

difundidos pelos países centrais: o *decrescimento* e o *pós-extrativismo*, ambas vinculadas ao debate do pós-desenvolvimento[69].

Difundido especialmente na Europa por teóricos como Serge Latouche, o *decrescimento* propõe uma crítica radical ao crescimento como princípio norteador da economia[70]. Como adverte o autor, o decrescimento não deve ser entendido como uma proposta de "crescimento negativo" - de efeitos catastróficos para sociedades baseadas no crescimento - mas de construção de um sistema fundamentado em uma lógica diferente. Uma "sociedade de crescimento", afirma Latouche, não é sustentável do ponto de vista ecológico nem desejável, na medida em que promove aumento das desigualdades e injustiças, além de um bem-estar ilusório e de degradação das relações humanas[71]. Nessa perspectiva, a própria ideia de desenvolvimento revela-se intrinsecamente ligada à "sociedade de crescimento", tratando-se, como explica Latouche, "de abandonar uma fé ou uma religião —a da economia, do progresso e do desenvolvimento— e rejeitar o culto irracional e quase idolátrico do crescimento pelo crescimento"[72].

Referindo-se à ideia de Celso Furtado de que o desenvolvimento econômico enquanto altos padrões de vida para o conjunto da humanidade é um mito, Serge Latouche chama a atenção para a dificuldade de os países do Terceiro Mundo encontrarem outra designação para suas aspirações, diferente da ideia de desenvolvimento, mesmo diante do fracasso de todas as políticas ou técnicas intentadas para a superação do subdesenvolvimento[73]. Para Latouche, a ideia de decrescimento (*décroissance*) emerge, assim, como crítica radical da lógica do "crescimento pelo crescimento", a partir de um imperativo de mudança de paradigma, de rejeição completa do "mito" do desenvolvimento, de "descolonização do imaginário"[74].

---

[69] ACOSTA, Alberto e BRAND, Ulrich: *Pós-extrativismo e decrescimento*.

[70] Nos limites deste artigo, não pretendemos apresentar uma discussão sobre as origens e os precursores da atual discussão sobre o decrescimento, tampouco um balanço dos debates, limitando-nos ao estabelecimento de contrapontos com a obra de Celso Furtado, a partir de trabalhos de Serge Latouche, um de seus principais expoentes na atualidade. Deve-se registrar, ademais, que o uso do termo "decrescimento" (*décroissance*, *de-growth*) nos debates econômicos e sociais por autores críticos ao desenvolvimento é relativamente recente, remontando à primeira década dos anos 2000. A respeito, veja-se: LATOUCHE, Serge: "O decrescimento. Por que e como?", em P. Léna e E.P. Nascimento, eds., *Enfrentando os limites do crescimento*, Rio de Janeiro, Garamond, 2012.

[71] LATOUCHE, Serge: "O decrescimento. Por que e como?".

[72] LATOUCHE, Serge: *Farewell to Growth*, Cambridge, Polity Press, 2009, p. 8.

[73] LATOUCHE, Serge: *Faut-il refuser le développement?*, Paris, PUF, 1986.

[74] LATOUCHE, Serge: *Farewell to Growth*; LATOUCHE, Serge: *L'occidentalisation du monde*, Paris, La Découverte, 2005 (1ª ed., 1989).

Desse ponto de vista, tanto os países do Norte quanto os do Sul se beneficiariam da construção de uma sociedade fora da lógica do crescimento, erigindo uma "utopia concreta" como alternativa à "insanidade da sociedade de crescimento"[75]. Para os países do Sul, tal perspectiva não ignorava o imperativo de se atender às necessidades ainda não satisfeitas de suas populações, mas advertia que o engajamento na construção de "sociedades de crescimento" redundaria em obstáculos à realização de seu pleno potencial. Nesse sentido, a crítica radical do desenvolvimento, na perspectiva de Serge Latouche, no que concerne aos países do Sul, envolveria a ruptura da dependência econômica e cultural, do mimetismo tecnológico que acompanha a industrialização, e a redescoberta da própria identidade cultural, elementos que também são fundamentais na abordagem de Celso Furtado[76].

Lembremos que Furtado criticava a difusão de padrões de consumo caracterizados por rápida obsolescência, responsáveis pelo enorme desperdício que caracteriza o capitalismo industrial e pelo aprofundamento da dependência (cultural e tecnológica) nos países periféricos[77]. Cumpre destacar que, embora Furtado ressalte os problemas decorrentes da assimilação de tecnologias elaboradas de acordo com outras realidades históricas, defende a manutenção de canais de transmissão de tecnologia e de cooperação com as firmas estrangeiras que as controlam. Salienta, no entanto, que objetivos sociais devem subordinar as decisões acerca da introdução de tecnologias modernas em economias subdesenvolvidas, que deveriam, ademais, buscar algum grau de autonomia tecnológica, por meio de esforços próprios em pesquisa tecnológica e ciência básica, considerando suas particularidades naturais e econômicas[78]. São considerações que se inserem em sua defesa de um deslocamento da lógica dos *meios* para a lógica dos *fins* (dos valores das coletividades, dos sistemas simbólicos que constituem as culturas) no funcionamento da civilização industrial, o que implicaria uma verdadeira mudança de curso da civilização contemporânea[79].

---

[75] LATOUCHE, Serge: *Farewell to Growth*, p. 4.
[76] LATOUCHE, Serge: *Farewell to Growth*, p. 58; LATOUCHE, Serge: *L'occidentalisation du monde*, p. 95.
[77] FURTADO, Celso: *O mito do desenvolvimento econômico*; FURTADO, Celso: *Criatividade e dependência na civilização industrial*; FURTADO, Celso: *O capitalismo global*.
[78] FURTADO, Celso: *A economia latino-americana*.
[79] Vale destacar que, tendo se engajado desde os anos 1970 em reflexões sobre os aspectos culturais do desenvolvimento, Furtado seria convidado a participar dos trabalhos da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento da UNESCO (1992 a 1995), incumbida de pensar os destinos da humanidade. Sustentando o aprofundamento da visão crítica dos modelos de desenvolvimento da civilização industrial,

É justamente no questionamento de um sistema fundado em uma lógica economicista —que instrumentaliza e subordina a inventividade e a criatividade humanas - que encontramos os principais elementos de diálogo da perspectiva do decrescimento com as críticas de Furtado à civilização industrial e ao conceito de desenvolvimento econômico. Efetivamente, como insiste Celso Furtado ao longo de sua obra, o subdesenvolvimento não é uma fase a ser superada, mas um processo histórico autônomo, relacionado à dependência externa e que tende a se reproduzir no tempo[80]. "*É uma forma perversa de crescimento*", asseveraria ele em texto de 2002[81]. Nesse sentido, a transposição para a periferia da crítica a "sociedades de crescimento" adquire contornos específicos, na medida em que, como adverte Furtado, sob as condições de dependência características do subdesenvolvimento, taxas mais altas de crescimento relacionam-se à assimilação de novos padrões de consumo e à concentração da renda, tendendo a aumentar as desigualdades sociais[82]. Portanto, o crescimento econômico na periferia, em condições de dependência, ao promover a modernização dos padrões de consumo de uma minoria da população, mantendo excluídas as grandes massas, contribui para a perpetuação do subdesenvolvimento.

Voltando à discussão sobre o "mito do desenvolvimento econômico" feita por Furtado, lembremos que, em nível mundial, a manutenção de grande parte da humanidade em condições diversas de penúria era vista como elemento de redução da pressão ecológica sobre o sistema. Reiterando suas conclusões em texto de 1992, Furtado afirmaria que a "engrenagem do subdesenvolvimento" também contribuía "para elevar o coeficiente de desperdício, ao difundir padrões de consumo sem correspondência com os baixos níveis de renda das populações"[83].

---

destacaria a importância do enfoque ecológico, que tornara "explícitos os custos não contabilizados da economia de mercado", e enfatizaria sua preocupação com um enfoque cultural, visto que, nos países de economia dependente, o desenvolvimento material implicava "um elevado desgaste de muitos de seus valores culturais". No entendimento de Furtado, portanto, o desafio que se colocava naquele momento era "o de conceber uma nova utopia, sem o que dificilmente a sobrevivência da humanidade será assegurada". Cf. FURTADO, Celso: "Economia e cultura", em *Ensaios sobre cultura e o Ministério da Cultura*, org. Rosa Freire d'Aguiar Furtado, Rio de Janeiro, Contraponto/Centro Internacional Celso Furtado, 2012, p. 110-111; FURTADO, Celso: "Cultura e desenvolvimento", em *Ensaios sobre cultura e o Ministério da Cultura*, p. 113. Sobre a participação de Furtado nessa Comissão, ver também ARIZPE, Lourdes: "Furtado: la culture et le développement", em *Cahiers du Brésil Contemporain*, n° 33-34, 1998.

[80] FURTADO, Celso: *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*; FURTADO, Celso: *O mito do desenvolvimento econômico*.

[81] FURTADO, Celso: "Metamorfoses do capitalismo", em D'Aguiar, Rosa Freire, org., *Essencial Celso Furtado*, São Paulo, Penguin Classics Companhia das Letras, 2013, p. 451, grifos nossos.

[82] FURTADO, Celso: *O mito do desenvolvimento econômico*.

[83] FURTADO, Celso: *Brasil: a construção interrompida*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992, p. 76.

Em entrevista de 1993, Furtado assim recoloca o crescimento econômico em sua dimensão global, relacionando-o aos problemas ecológicos:

> as forças políticas que mandam no mundo continuam a jogar cegamente na questão do crescimento. [...] A margem de desperdício que se tem no mundo é tão fantástica, na Europa, nos Estados Unidos, que você poderia perfeitamente imaginar um mundo sem crescer, mas que melhorasse sempre, realocando recursos, ou seja, com o sistema econômico funcionando em outra direção. O objetivo não deveria ser o crescimento e sim a qualidade de vida[84].

Dessa forma, se tomada como uma perspectiva de *pós-crescimento*, como também é denominado o decrescimento, a abordagem de autores como Serge Latouche guardaria estreita conexão com as preocupações de Celso Furtado, especialmente a partir do momento em que dirige seus esforços de reflexão para a crítica dos rumos da civilização industrial[85]. É importante, contudo, sublinhar que há uma distinção fundamental entre *crescimento econômico* e *desenvolvimento* no pensamento de Celso Furtado, que não nos parece enfatizada na mesma intensidade na crítica radical ao desenvolvimento. A partir dessa clara diferenciação, Furtado ressignifica o conceito de desenvolvimento ao longo de sua obra, sem jamais descartá-lo, reelaborando-o atento à evolução da civilização industrial e à necessidade de explicitar os mitos envolvidos nos discursos e práticas do desenvolvimento.

Como vimos, a diferenciação entre crescimento e desenvolvimento ganha relevo na obra de Furtado a partir de meados dos anos 1960, conforme se evidenciam as contradições e os impasses do processo de industrialização latino-americano, diante das transformações da economia internacional, da criação e assimilação de novas formas de consumo e do desperdício de recursos a elas inerente, do aprofundamento da dependência tecnológica e cultural e da concentração da renda[86]. Na medida em que o autor busca explicações globais para a reiteração do subdesenvolvimento, lançando luz sobre as novas formas de dominação internacional e sustentando o imperativo de um novo modelo que objetive a satisfação das necessidades humanas básicas e a preservação

[84] FURTADO, Celso: "Entrevista a Eduardo Kugelmas" [1993], em *Cadernos do Desenvolvimento*, vol. 6, n° 8, 2011, p. 381.
[85] ACOSTA, Alberto e BRAND, Ulrich: *Pós-extrativismo e decrescimento.*
[86] A industrialização, que havia sido o pilar da ideologia desenvolvimentista, revelava-se condição necessária mas não suficiente para a liquidação da situação semicolonial dos países e seu resgate do subdesenvolvimento. FURTADO, Celso: "Reflexões de um marciano", em *Opinião*, n° 14, 1973, p. 10.

do patrimônio cultural e natural, abre-se a possibilidade de aproximações entre seu pensamento e outra perspectiva crítica contemporânea, o *pós-extrativismo*.

A discussão sobre o caráter do crescimento latino-americano e sua capacidade de promover melhorias estruturais das condições de vida das populações reemergeria no debate latino-americano no início do século XXI, num contexto de revigoramento da exportação de produtos primários na região. O caráter social, cultural e ecologicamente predatório desse crescimento baseado em práticas extrativistas (entendidas no sentido largo de instrumentalização da natureza) seria destacado por autores latino-americanos reunidos sob a ampla perspectiva do *pós-extrativismo*[87]. Visto que os padrões de produção e de consumo em constante renovação que se difundem globalmente apoiam-se na exploração exacerbada de recursos naturais, pós-extrativismo e decrescimento apresentam-se como duas perspectivas intrinsecamente vinculadas, como duas faces de uma mesma questão. Nas palavras de Acosta e Brand:

> O sangue que corre pelas veias dos modos de produção e de vida imperiais do Norte global provêm das lógicas extrativistas aplicadas no Sul global há centenas de anos. Os modos de produção e de vida imperiais, porém, também estão presentes entre as elites do Sul, criando implicações socioestruturais muito complexas nas sociedades do mundo empobrecido. A conservação destes modos de produção e de vida é um obstáculo fundamental para qualquer transformação[88].

A perspectiva pós-extrativista latino-americana critica a exploração exacerbada de recursos naturais para atender à demanda de países centrais e emergentes, realizada sob governos "progressistas" latino-americanos no início do século XXI. Por meio do aproveitamento de vantagens comparativas (em atividades de mineração, exploração de hidrocarbonetos, agronegócio etc.), entendia-se promover um crescimento econômico que permitiria a realização de projetos de desenvolvimento e políticas redistributivas em países marcados por pobreza e desigualdades sociais. Nesse sentido, observa Machado-

[87] Não pretendemos no âmbito deste trabalho recuperar o conjunto das formulações críticas dos autores vinculados à perspectiva pós-extrativista, que engloba uma ampla gama de discussões sobre os governos "progressistas" de países latino-americanos do início do século XXI e sua adesão ao neoextrativismo e ao chamado "consenso das commodities", as implicações socioculturais e políticas desse processo, bem como os movimentos de resistência e propostas de alternativas e transições ao pós-extrativivismo. Nosso objetivo é apontar, de forma ainda preliminar, pontos de diálogo entre essa perspectiva e a abordagem crítica de Celso Furtado do desenvolvimento.

[88] ACOSTA, Alberto e BRAND, Ulrich: *Pós-extrativismo e decrescimento*, p. 21-22. Para a discussão sobre o "modo de vida imperial", ver BRAND, Ulrich e WISSEN, Markus: "Global Environmental Politics and the Imperial Mode of Living. Articulations of State-Capital Relations in the Multiple Crisis", em *Globalizations*, vol. 9, n° 4, 2012.

Aráoz, as políticas primário-exportadoras foram "erigidas como el nuevo 'motor de desarrollo' de las sociedades latinoamericanas"[89].

Se o desenvolvimentismo, no século XX, esteve ligado à promoção da industrialização e à crítica à condição primário-exportadora, o "neoextrativismo desenvolvimentista"[90], no século XXI, defenderia a exportação de recursos naturais "como componente indispensável para o desenvolvimento e o combate à pobreza"[91]. O reverso desse modelo, baseado na exploração da natureza, na expansão dessa exploração para novos territórios e em grandes projetos de infraestrutura para dar suporte às atividades, teria sido a eclosão de conflitos socioambientais na América Latina. Reivindicações territoriais de movimentos populares, de povos originários e camponeses teriam desencadeado um processo de contestação à visão economicista das relações entre sociedade e natureza; inaugurou-se, em contrapartida, um ciclo de criminalização e violação de direitos humanos[92]. Trata-se, explica Svampa, de uma lógica de acumulação que aprofunda a expropriação de terras, recursos e territórios, sob uma visão produtivista do desenvolvimento que desqualifica outras lógicas de valorização dos territórios[93].

A obra de Celso Furtado, bem como as elaborações da Cepal em suas décadas iniciais, já ofereciam elementos contundentes para a compreensão dos limites de estratégias de "desenvolvimento" baseadas na exportação de produtos primários[94]. Contudo, como temos procurado mostrar neste artigo, ao longo de sua trajetória intelectual, Furtado alargaria seu horizonte de reflexões sobre o desenvolvimento, incorporando e/ou enfatizando em suas análises outras dimensões cruciais. Nesse

[89] MACHADO ARÁOZ, Horacio: "Crisis ecológica, conflictos socioambientales y orden neocolonial: las paradojas de Nuestra América en las fronteras del extractivismo", em *REBELA - Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos*, vol. 3, n° 1, 2013, p. 126.

[90] SVAMPA, Maristella: "'Consenso de los Commodities' y lenguajes de valoración en América Latina", em *Nueva Sociedad*, n° 244, mar.-abr. 2013.

[91] GUDYNAS, Eduardo: "Estado compensador y nuevos extractivismos: las ambivalencias del progresismo sudamericano", em *Nueva Sociedad*, n° 237, enero-febrero 2012, p. 134. Ver também DELLASTA, Heitor P. e BIANCONI, Renata: "A busca por transições ao pós-extrativismo na América Latina: discussões sobre a condição primário-exportadora e o neoextrativismo", em *Geosul*, vol. 37, n° 84, 2022.

[92] SVAMPA, Maristella: "'Consenso de los Commodities' y lenguajes de valoración en América Latina"; GUDYNAS, Eduardo: "Extracciones, extractivismos y extrahecciones. Un marco conceptual sobre la apropiación de recursos naturales", em *Observatorio del Desarrollo*, n° 18, feb. 2013.

[93] SVAMPA, Maristella: *As fronteiras do neoextrativismo na América Latina. Conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências*, São Paulo, Elefante, 2019.

[94] RODRÍGUEZ, Octavio: *La teoría del subdesarrollo de la CEPAL*. Não se tem o objetivo de recuperar essas discussões neste trabalho. Em outra ocasião, procuramos fazer a aproximação entre as discussões sobre a condição primário-exportadora, a partir dos trabalhos da Cepal, e o neoextrativismo. Ver DELLASTA, Heitor P. e BIANCONI, Renata: "A busca por transições ao pós-extrativismo na América Latina".

sentido, entendemos que sua denúncia da insustentabilidade dos modelos de consumo da civilização contemporânea, que exacerbam a exploração de recursos naturais, a defesa da necessidade de preservação do patrimônio natural e da identidade cultural dos povos, a imprescindibilidade de geração de formas de vontade coletiva e de democratização do poder na periferia são todos elementos que corroboram a perspectiva pós-extrativista e confirmam a atualidade de seu pensamento[95].

Pode-se considerar que, nas propostas de transições ao pós-extrativismo, encontra-se subjacente o apelo de Furtado ao abandono das ilusões e mitos envolvidos na ideia de desenvolvimento, e sua denúncia das ambiguidades contidas na medição do crescimento de uma economia: "Por que ignorar, na medição do PIB, o custo para a coletividade da destruição dos recursos naturais não renováveis, e o dos solos e florestas (dificilmente renováveis)? Por que ignorar a poluição das águas e a destruição total dos peixes nos rios em que as usinas despejam os seus resíduos?"[96].

Como visto, a formulação de Furtado sobre o mito do desenvolvimento apresenta críticas incisivas ao padrão predatório de exploração e consumo dos recursos naturais por parte dos países desenvolvidos, que ocorre sem considerações a respeito da finitude desses recursos em nível mundial. Nesse quadro, ao tratar da degradação ambiental que acompanha o processo de expansão da civilização industrial, Furtado admite a hipótese de que um dia venha a ser reciclada grande parte dos recursos extraídos da natureza, mas adverte que "não foi nessa direção que se orientou a tecnologia da civilização industrial". Em sua avaliação, "poderosos interesses empenham-se nos países centrais para que não se forme a consciência desses problemas e para que se mantenha a ilusão de que a tecnologia por si só resolve todos os problemas que ela mesma cria", mantendo-se, assim, a escala de desperdício[97].

O controle sobre as próprias fontes de recursos não renováveis era apontado por Furtado nos anos 1970 como um dos expedientes dos países periféricos na luta contra a dependência - questão de renovada atualidade, dada a importância dos recursos naturais abundantes nos países periféricos para o prosseguimento do crescimento mundial baseado em rápida transformação tecnológica. Contudo, na medida em que o

[95] FURTADO, Celso: *Criatividade e dependência na civilização industrial*; FURTADO, Celso: *O capitalismo global*.
[96] FURTADO, Celso: *O mito do desenvolvimento econômico*, p. 116.
[97] FURTADO, Celso: *Criatividade e dependência na civilização industrial*, p. 157.

desenvolvimento requer "a liberação da capacidade criadora de um povo", no sentido da concepção dos próprios fins, apenas maior controle sobre os próprios recursos naturais não equacionaria o problema[98]. A transmissão de valores culturais, padrões de consumo e modos de vida dos países centrais persistia como problema maior.

Como extensamente analisado por Furtado para o caso da América Latina e, particularmente, do Brasil, a atuação direta das empresas transnacionais nos sistemas produtivos periféricos constituiu uma forma privilegiada de viabilização da incorporação de padrões de consumo sofisticados na periferia e de aprofundamento da dependência tecnológica e cultural. Convém lembrar, não obstante, que a abundância de divisas decorrente da exportação de recursos naturais não renováveis, a exemplo do petróleo na Venezuela, também foi instrumento de rápida modernização de economias no pós-guerra, no sentido da incorporação de formas de viver dos países capitalistas mais avançados, mantendo, contudo, as características do subdesenvolvimento, como as desigualdades sociais, o mimetismo cultural e a canalização de recursos para a satisfação de padrões de consumo sofisticados[99].

Na crítica pós-extrativista contemporânea, reencontramos a denúncia dessa relação perversa entre a abundância de recursos naturais exportáveis e a reprodução de padrões de produção e consumo dependentes do exterior. Nesse sentido, Alberto Acosta analisa os problemas decorrentes do que identifica como "maldição da abundância" e propõe a construção de novos imaginários alternativos ao desenvolvimento, expressos na concepção do *buen vivir*[100].

Celso Furtado, por sua vez, sustentaria a necessidade de uma *nova concepção de desenvolvimento*: para além da mera busca pelos níveis de renda e padrões de consumo dos países industrialmente mais avançados, o desenvolvimento deveria ser entendido como *invenção do próprio destino*. Para tanto, mantinha-se como elemento essencial a conquista de algum controle sobre a tecnologia, sem o qual os países periféricos não seriam capazes de modificar a orientação da mesma no sentido de buscar objetivos mais ambiciosos, como

---

98 FURTADO, Celso: *Criatividade e dependência na civilização industrial*, p. 162

99 Ver as análises de Furtado sobre a economia venezuelana, realizadas entre as décadas de 1950 e 1970, republicadas em: FURTADO, Celso: *Ensaios sobre a Venezuela: subdesenvolvimento com abundância de divisas*, Rio de Janeiro: Contraponto/CICEF, 2008.

100 ACOSTA, Alberto: *La maldición de la abundancia*, Quito, Abya-Ayla, 2009; ACOSTA, Alberto: *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*, São Paulo, Autonomia Literária/Elefante, 2016.

a liberação da criatividade do jugo exercido pela racionalidade instrumental e a priorização de fins e valores sociais no processo de acumulação.

Os objetivos estratégicos de um novo modelo de desenvolvimento, tal qual definidos por Furtado nos 1990, conservam sua relevância no cenário atual de rápida evolução tecnológica e diversificação dos padrões de consumo acompanhada de intensificação da exploração de recursos naturais: "a) preservar o patrimônio natural, cuja dilapidação atualmente em curso conduzirá inexoravelmente ao declínio e ao colapso de nossa civilização; e b) liberar a criatividade da lógica dos meios (acumulação econômica e poder militar) a fim de que ela possa servir ao pleno desenvolvimento de seres humanos concebidos como um fim, portadores de valores inalienáveis"[101].

4. Considerações finais

Este artigo retomou as análises de Celso Furtado sobre o mito do desenvolvimento econômico e sobre os impasses da civilização industrial, buscando examinar a atualidade de seu pensamento por meio de um "diálogo" com abordagens contemporâneas do pós-desenvolvimento - o decrescimento e o pós-extrativismo. Tratou-se de investigar suas convergências com o pensamento de Furtado, a partir do momento em que o autor problematiza e reelabora o conceito de desenvolvimento, e de delimitar suas divergências, notadamente quanto à própria pertinência desse conceito. Como pioneiro da teoria do subdesenvolvimento, Furtado entende o fenômeno como uma "armadilha histórica", em que a dependência cultural e a adoção mimética de padrões de consumo importados impedem a transição do crescimento econômico para o autêntico desenvolvimento[102]. Questiona, portanto, a identidade entre aumento da renda nacional e aumento do bem-estar social, sustentando o abandono das ilusões e mitos envolvidos numa ideia de desenvolvimento considerada sob um ponto de vista estritamente econômico, que ignora a dimensão da criação de valores substantivos contida no processo.

Ao se promover essa interlocução, constatou-se um amplo terreno de convergência analítica entre Furtado e os teóricos do pós-desenvolvimento. Ambas as

[101] FURTADO, Celso: *O capitalismo global*, p. 66.
[102] FURTADO, Celso: *Brasil: a construção interrompida*, cap. 2 ("A armadilha histórica do subdesenvolvimento").

perspectivas compartilham a rejeição ao produtivismo e a uma visão economicista do mundo, e denunciam o caráter predatório e ecologicamente insustentável da civilização industrial contemporânea, bem como os processos de destruição cultural decorrentes do mimetismo de padrões de consumo e de modos de vida que irradiam dos centros dominantes. Entende-se, assim, que, na medida em que evidencia que a generalização dos níveis de consumo dos países ricos é ecologicamente irrealizável e funciona como um mito legitimador da dependência cultural e tecnológica, a obra de Furtado estabelece diálogos diretos com as críticas contemporâneas aos limites ecológicos do crescimento e a seus aspectos deletérios do ponto de vista cultural. Seus escritos oferecem, igualmente, subsídios à reflexão sobre o caráter social, cultural e ecologicamente predatório do crescimento neoextrativista na América Latina, baseado na exploração exacerbada de recursos naturais para exportação.

Delineia-se, contudo, uma distinção fundamental entre as análises de Furtado e a perspectiva do pós-desenvolvimento abordadas neste artigo, notadamente no que concerne à manutenção do desenvolvimento como categoria analítica. A perspectiva do pós-desenvolvimento aponta o desgaste irrecuperável do conceito de desenvolvimento, considerando-o historicamente indissociável da lógica do crescimento como um fim em si mesmo e das relações de dominação e dependência entre países; defende, portanto, seu abandono, enquanto Furtado conserva-o como elemento essencial de suas análises. Apoiado em uma clara diferenciação entre crescimento econômico, modernização e desenvolvimento, ao longo de sua obra Furtado refina a noção de desenvolvimento, sustentando sua ressignificação como um processo de liberação de forças criativas na busca dos *fins* da vida social. Nas palavras do próprio autor: "Com o *crescimento econômico* eleva-se a renda da população. Com a *modernização*, adotam-se novas formas de vida, imitadas de outras sociedades que, estas sim, beneficiam-se de autêntica elevação da produtividade física. Mas só o *desenvolvimento* propriamente dito é capaz de fazer do homem um elemento de transformação, passível de agir tanto sobre a sociedade como sobre si mesmo, e de realizar suas potencialidades"[103].

O "verdadeiro desenvolvimento", portanto, na acepção de Furtado, longe da reprodução mimética de padrões culturais importados, afirma-se como invenção do

[103] FURTADO, Celso: "Metamorfoses do capitalismo", p. 451-452, grifos do autor.

próprio destino, orientando-se pela melhoria das condições de vida do conjunto da população, pelo enriquecimento do sistema cultural e pela preservação do patrimônio natural. Entende-se, assim, que a obra de Celso Furtado conserva plena relevância na atualidade, oferecendo elementos para os debates críticos sobre os rumos e impasses da civilização industrial e, particularmente, para o necessário aprofundamento das reflexões sobre o desenvolvimento latino-americano contemporâneo.

Referências

ACOSTA, Alberto: *La maldición de la abundancia*, Quito, Abya-Ayla, 2009.

ACOSTA, Alberto: *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*, São Paulo, Autonomia Literária/Elefante, 2016.

ACOSTA, Alberto e BRAND, Ulrich: *Pós-extrativismo e decrescimento. Saídas para o labirinto capitalista*, São Paulo, Elefante, 2018.

APPADURAI, Arjun: "The Capacity to Aspire: Culture and the Terms of Recognition", em V. Rao e M. Walton, eds., *Culture and Public Action*, Stanford, Stanford University Press, 2004.

ARIZPE, Lourdes: "Furtado: la culture et le développement", em *Cahiers du Brésil Contemporain*, n° 33-34, 1998.

ARNDT, Heinz W.: *Economic Development: the History of an Idea*, The University of Chicago Press, Chicago/London, 1987.

BARBOSA, Alexandre de Freitas e SAES, Alexandre Macchione: *Celso Furtado: trajetória, pensamento e método*, Belo Horizonte, Autêntica, 2025.

BIANCONI, Renata e COUTINHO, Mauricio C.: "O desenvolvimento como processo de mudança cultural: as conexões entre excedente e estruturas sociais na visão de Celso Furtado", em *Nova Economia*, vol. 29, n° especial, 2019.

BOLAÑO, César R. S.: *O conceito de cultura em Celso Furtado*, Salvador, EDUFBA, 2015.

BRAND, Ulrich e WISSEN, Markus: "Global Environmental Politics and the Imperial Mode of Living. Articulations of State-Capital Relations in the Multiple Crisis", em *Globalizations*, vol. 9, n° 4, 2012.

CAVALCANTI, Clóvis: "Meio ambiente, Celso Furtado e o desenvolvimento como falácia", em *Ambiente & Sociedade*, vol. 5, n° 2, 2003.

DELLASTA, Heitor P. e BIANCONI, Renata: "A busca por transições ao pós-extrativismo na América Latina: discussões sobre a condição primário-exportadora e o neoextrativismo", em *Geosul*, vol. 37, n° 84, 2022.

ESTEVA, Gustavo: "Development", em Wolfgang Sachs, ed., *The Development Dictionary: a Guide to Knowledge as Power*, 2nd ed., London/New York, Zed Books, 2010 [1ª ed., 1992]

FURTADO, Celso: "Formação de capital e desenvolvimento econômico", em *Revista Brasileira de Economia*, vol. 6, n° 3, 1952.

FURTADO, Celso: *A economia brasileira, Rio de Janeiro*, A Noite, 1954.

FURTADO, Celso: *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.

FURTADO, Celso: *Dialética do desenvolvimento*, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1964.

FURTADO, Celso: *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966.

FURTADO, Celso: *Um projeto para o Brasil*, Saga, Rio de Janeiro, 1968.

FURTADO, Celso: *Análise do "modelo" brasileiro*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.

FURTADO, Celso: "Quem cresce e quem paga", em *Opinião*, 4-11 dez. 1972.

FURTADO, Celso: *A hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973.

FURTADO, Celso: "Reflexões de um marciano", em *Opinião*, n° 14, 1973.

FURTADO, Celso: *O mito do desenvolvimento econômico*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974.

FURTADO, Celso: "O mito do desenvolvimento", em *Opinião*, 29 jul. 1974.

FURTADO, Celso: *Cultura e desenvolvimento em época de crise*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

FURTADO, Celso: "Underdevelopment: to Conform or Reform", em Gerald M. Meier ed., *Pioneers in Development: Second Series*, New York. Oxford University Press for the World Bank, 1987.

FURTADO, Celso: *Brasil: a construção interrompida*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

FURTADO, Celso: *O capitalismo global*, São Paulo, Paz e Terra, 1998.

FURTADO, Celso: *Introdução ao desenvolvimento: enfoque histórico-estrutural*, São Paulo, Paz e Terra, 2000.

FURTADO, Celso: *Teoria e política do desenvolvimento econômico*, 10ª ed. rev., São Paulo, Paz e Terra, 2000 [1ª ed., 1967].

FURTADO, Celso: *A economia latino-americana*, 4ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 2007 [1ª ed., 1969].

FURTADO, Celso: *Criatividade e dependência na civilização industrial*, ed. definitiva, São Paulo, Companhia das Letras, 2008 [1ª ed., 1978].

FURTADO, Celso: *Ensaios sobre a Venezuela: subdesenvolvimento com abundância de divisas*, Rio de Janeiro: Contraponto/CICEF, 2008.

FURTADO, Celso: "Entrevista a Eduardo Kugelmas" [1993], em *Cadernos do Desenvolvimento*, vol. 6, n° 8, 2011.

FURTADO, Celso: "Economia e cultura", em *Ensaios sobre cultura e o Ministério da Cultura*, org. Rosa Freire d'Aguiar Furtado, Rio de Janeiro, Contraponto/Centro Internacional Celso Furtado, 2012 [1994].

FURTADO, Celso: "Cultura e desenvolvimento", em *Ensaios sobre cultura e o Ministério da Cultura*, org. Rosa Freire d'Aguiar Furtado, Rio de Janeiro, Contraponto/Centro Internacional Celso Furtado, 2012 [1995].

FURTADO, Celso: "Metamorfoses do capitalismo", em D'Aguiar, Rosa Freire, org., *Essencial Celso Furtado*, São Paulo, Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

FURTADO, Celso: "O verdadeiro desenvolvimento", em D'Aguiar, Rosa Freire, org., *Essencial Celso Furtado*, São Paulo, Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

FURTADO, Celso: *Obra autobiográfica*, org. Rosa Freire d'Aguiar, São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

FURTADO, Celso: "The Myth of Economic Development and the Future of the Third World", em *Review of Political Economy*, vol. 33, n° 1, 2020.

GAUDÊNCIO, Francisco e FORMIGA, Marcos (coord.): *Era da esperança: teoria e política no pensamento de Celso Furtado*, São Paulo, Paz e Terra, 1995.

GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas: *The Entropy Law and the Economic Process*, Cambridge, Harvard University Press, 1971.

GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas: *La décroissance: entropie, écologie, économie*, 3ª ed., Paris, Sang de la Terre, 2006.

GUDYNAS, Eduardo: "Estado compensador y nuevos extractivismos: las ambivalencias del progresismo sudamericano", em *Nueva Sociedad*, nº 237, enero-feb. 2012.

GUDYNAS, Eduardo: "Extracciones, extractivismos y extrahecciones. Un marco conceptual sobre la apropiación de recursos naturales", em *Observatorio del Desarrollo*, n° 18, feb. 2013.

LATOUCHE, Serge: *Faut-il refuser le développement?*, Paris, PUF, 1986.

LATOUCHE, Serge: *L'occidentalisation du monde*, Paris, La Découverte, 2005.

LATOUCHE, Serge: *Farewell to Growth*, Cambridge, Polity Press, 2009.

LATOUCHE, Serge: "O decrescimento. Por que e como?", em P. Léna e E.P. Nascimento, eds., *Enfrentando os limites do crescimento*, Rio de Janeiro, Garamond, 2012.

LOUREIRO, Pedro, RUGITSKY, Fernando; SAAD-FILHO, Alfredo: "Celso Furtado and the Myth of Economic Development: Rethinking Development From Exile", em *Review of Political Economy*, vol. 33, n° 1, 2020.

MACHADO ARÁOZ, Horacio: "Crisis ecológica, conflictos socioambientales y orden neocolonial: las paradojas de Nuestra América en las fronteras del extractivismo", em *REBELA - Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos*, vol. 3, n° 1, 2013.

MALLORQUÍN, Carlos: *Celso Furtado: um retrato intelectual*, São Paulo, Xamã, 2005.

MEADOWS, Donella. H. et al.: *The Limits to Growth*, New York, Universe Books, 1972.

PREBISCH, Raúl: "El desarrollo económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas", em *El Trimestre Económico*, vol.16, n° 63(3), 1949.

RAHNEMA, Majid e BAWTREE, Victoria, orgs.: *The Post-Development Reader*, London, Zed Books, 1997.

RIST, Gilbert: "Development as a Buzzword", em *Development in Practice*, vol. 17, n° 4-5, 2007.

RIST, Gilbert: *History of Development: From Western Origins to Global Faith*, 4th ed., London, Zed Books, 2014.

RODRÍGUEZ, Octavio: *La teoría del subdesarrollo de la CEPAL*, México, Siglo XXI, 1980.

RODRÍGUEZ, Octavio: *El estructuralismo latinoamericano*, México, Siglo XXI/CEPAL, 2006.

ROSTOW, Walt W.: *The Stages of Economic Growth: a Non-Communist Manifesto*, Cambridge, Cambridge University Press, 1960.

SACHS, Ignacy: "La logique du développement", em *Revue Internationale des Sciences Sociales*, vol. 24, n° 1, 1972.

SACHS, Wolfgang: *The Development Dictionary: a Guide to Knowledge as Power*, 2nd ed., London/New York, Zed Books, 2010 [1ª ed., 1992].

SAES, Alexandre Macchione: "Celso Furtado: An Ecological Economist?", em *Ecological Economics*, vol. 230, april 2025.

SVAMPA, Maristella: "'Consenso de los Commodities' y lenguajes de valoración en América Latina", em *Nueva Sociedad*¸ n° 244, mar.-abr. 2013.

SVAMPA, Maristella: *As fronteiras do neoextrativismo na América Latina. Conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências*, São Paulo, Elefante, 2019.

SZMRECSÁNYI, Tamás: "Celso Furtado", em *Estudos Avançados*, vol. 15, n° 43, 2001.